

Transição e mobilidade

» IVAN CAMARGO
Ex-reitor da Universidade de Brasília

Mesmo com todo o espaço dedicado à COP26 de Glasgow, me parece que nem a imprensa nem a opinião pública conseguem avaliar com clareza o desafio climático que temos pela frente.

Em 1896, Svante Arrhenius, cientista sueco, previu que se a concentração de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera dobrasse a temperatura média da terra teria um incremento de aproximadamente 5 graus celsius. Um século depois, com uma infinidade de dados medidos e sofisticados programas computacionais, as previsões continuam as mesmas.

O século 20 foi forjado pelos combustíveis fósseis. O consumo global de energia passou de 40 exajoules (EJ), em 1900, para 400 EJ cem anos depois. Hoje, o nosso consumo é da ordem de 600 EJ. O desenvolvimento das grandes cidades, a oferta de alimentos, a mobilidade urbana, o comércio internacional e o aumento exponencial da população foram possíveis graças à oferta abundante de petróleo, carvão e gás natural.

A consequência mais grave deste incremento do consumo de combustíveis fósseis é a emissão de CO₂ que, hoje, é da ordem de 35 bilhões de toneladas por ano, provocando o aumento da sua concentração na atmosfera. O valor histórico (dos últimos 800 mil anos) sempre foi inferior a 300 partes por milhão (ppm) e, no ano passado, o valor medido foi de 420 ppm. A emissão e a concentração de CO₂ continuam crescendo.

Se mantivermos o mesmo ritmo, a elevação dos cinco graus na temperatura da Terra, prevista por Arrhenius, ocorrerá ainda neste século. Por isso, os cientistas propõem uma mudança radical no nosso estilo de vida para, em 2050, atingirmos a meta de emissão zero.

Note que é uma missão quase impossível. A ONU tem discutido esse assunto, em fóruns internacionais, há mais de trinta anos, desde a conferência do Rio de Janeiro (ECO92). De lá pra cá, o consumo primário de energia quase dobrou e a participação dos combustíveis fósseis na matriz energética global não se altera e continua superior a 80%.

Parar de emitir CO₂ significa, por exemplo, não usar mais o carvão para produzir energia elétrica. Revolucionar a tecnologia da construção civil reduzindo o uso de aço e cimento. E, minha maior preocupação atual, abandonar os motores a combustão interna. Alguém já parou para pensar como seria a cidade de Brasília sem carros?

Na Europa, várias cidades estão retirando os carros das ruas. O centro das cidades passa a ser de uso exclusivo dos pedestres. Para viabilizar essa mudança, foi necessário um pesado investimento em infraestrutura de transporte público elétrico. Foi preciso, também, dificultar o acesso para os carros, construir ciclovias seguras, cobrar, cada vez mais cara, a tarifa do estacionamento público.



Em Brasília, o que vemos é o contrário. O dinheiro público tem sido usado para alargar avenidas, construir novos viadutos e facilitar a vida dos motoristas. Temos de redefinir, com urgência, as nossas

prioridades. A transição energética será uma tarefa muito difícil. A ação do governo é indispensável para planejar um futuro sustentável. Não podemos correr o risco de inviabilizar a vida na terra.

O jovem e a ética

» EDSON VISONA
Advogado, presidente do Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial — Etco e do Fórum Nacional Contra a Pirataria e Ilegalidade. Foi secretário da Justiça e Cidadania de São Paulo

Nestes tempos difíceis, temos nos deparado com reflexões sobre ética, respeito à lei e constatado uma normalização de comportamentos que afrontam princípios e valores. Já em 2017, promovemos junto ao Datafolha uma pesquisa em 130 municípios indagando o que os jovens brasileiros pensam sobre ética. Como eles avaliam as próprias condutas, dos amigos, família e sociedade? O que acreditam que deve ser feito para que sua geração possa assumir a missão de transformar o país?

Resultado: a ética para os jovens está associada ao respeito ao próximo; são críticos em relação à postura dos amigos e menos críticos quando avaliam a família e o próprio comportamento e, por fim, atribuem a ausência de ética mais à sociedade e ao outro do que a si próprio.

Sobre soluções, apontaram para posturas como: conversar sobre ética com os familiares e amigos; pensar mais nos outros e não só nos meus interesses; compreender que o que é público é do interesse de todos e não de alguém; deixar de comprar produtos piratas; participar pessoalmente de atividades políticas.

Evidente a contradição. Os jovens entendem o conceito de ética, apontam interessantes caminhos para que sejamos uma sociedade mais ética, mas afirmam que é difícil ser éticos por não serem estimulados pelo meio social. Os dados corroboram com uma pesquisa realizada no Brasil em 2021 pelo CT Group, que abordaram a visão do brasileiro sobre sistemas políticos e compra de produtos ilegais, assim como o impacto social.

Para a maioria, os impostos financiam a corrupção, os políticos não são confiáveis e o sistema político não trabalha em prol da população e sim dos próprios interesses. Sobre a sua participação nesse panorama, não aceitam ser apontados como partícipes do processo corrosivo da ética, entendem que são vítimas e que, se eventualmente agem de modo não ético, é porque o meio não ajuda.

A seu ver, a compra de produtos contrabandeados e outras formas de incentivo ao mercado ilegal são comportamentos a serem relevados, pois é o que resta fazer. Entretanto, ao serem confrontados com as perdas de bilhões causadas pelo mercado ilegal, recursos que poderiam ser investidos em programas sociais, saúde, educação, o cidadão demonstra ser contrário à ilegalidade.

A verdade é que temos um longo caminho para avançar na estruturação de uma sociedade mais madura, consciente dos seus direitos e deveres, exigente e participativa sem afastar a grande responsabilidade que as elites política, econômica e social têm. A ação da sociedade civil é fundamental para demonstrar que a ética não é uma quimera e, sim, um fundamento a ser exercitado cotidianamente.

O Global Gateway da UE: criando ligações, não dependências

» JOSEP BORRELL
Vice-presidente da Comissão Europeia e alto representante para a Política Externa e de Segurança da União Europeia

» JUTTA URPIAINEN
Comissária de Parcerias Internacionais da União Europeia

No início deste ano, a UE e o Brasil inauguraram um novo cabo de fibra ótica para transportar terabytes de dados mais rapidamente e de forma mais segura entre os nossos dois continentes. Isso ajuda os cientistas da Europa e da América Latina a trabalharem juntos, em questões que vão desde as alterações climáticas até à mitigação de catástrofes. O cabo começa na UE, onde o Regulamento Geral de Proteção de Dados da UE (GDPR) se tornou a regra de ouro da proteção de dados, e termina no Brasil, que introduziu recentemente uma lei semelhante. O cabo liga dois continentes, construindo uma economia de dados que respeita a privacidade dos dados dos cidadãos. É assim que a Europa aborda a conectividade — unindo parceiros sem criar dependências indesejadas.

Recentemente, o Banco Europeu de Investimento (BEI) e as agências de cooperação da França, Espanha e Alemanha juntaram-se à Comissão Europeia no Togo para identificar projetos para financiar nos setores de energia, dos transportes e no setor digital. Durante a missão, o BEI assinou uma linha de crédito de 100 milhões de euros para apoiar as pequenas e médias empresas africanas na sua recuperação da pandemia e para aproveitar as oportunidades de crescimento da Zona de Comércio Livre Continental Africana. Esses são exemplos daquilo a que chamamos Team Europe, reunindo todos aqueles que trabalham com os nossos parceiros para apoiar a transição verde e digital.

Desde o início da Comissão von der Leyen, as transições do verde e do digital na Europa têm estado na

vanguarda. Com a nova estratégia Global Gateway, a UE continua a promover as transições verdes e digitais em nível global.

Num mundo de interdependência, onde as cadeias de abastecimento estão mostrando a sua fragilidade, sabemos qual é a importância da conectividade. Vimos também como as ligações que nos unem podem ser usadas como armas. Fluxos de dados, fornecimentos de energia, terras raras, vacinas e semicondutores são todos instrumentos de poder no mundo de hoje. É por isso que precisamos de assegurar que a conectividade global e o acesso a esses fluxos se baseiam em regras e normas internacionais.

Para que a Europa domine o desafio da conectividade, necessita não só de princípios e estruturas, mas também de recursos adequados e prioridades claras. Em primeiro lugar, vamos utilizar os recursos da Team Europe, da UE e dos seus Estados-Membros, de forma mais inteligente e eficiente. O Global Gateway vai mobilizar um investimento de mais de 300 bilhões de euros em fundos públicos e privados para o desenvolvimento de infraestruturas globais entre 2021 e 2027, financiando o clima e a transição digital, bem como a saúde, a educação e investigação.

Remodelamos os nossos instrumentos financeiros para fornecer o poder de fogo que pode misturar empréstimos e subvenções e fornecer as garantias necessárias de hoje em dia. Criamos mecanismos para filtrar propostas anormalmente baixas e proteger contra ofertas que se beneficiam de subsídios estrangeiros distorsivos, o que prejudica a igualdade de condições de concorrência. Vamos assegurar igualmente que os

programas internos da UE — InvestEU, o nosso programa de investigação, Horizon Europe e o Mecanismo Ligar a Europa — apoiarão o Global Gateway, juntamente com os bancos de desenvolvimento dos Estados-Membros, bancos nacionais de promoção e agências de crédito à exportação.

Evidentemente, o capital do setor privado continuará a ser a maior fonte de investimento em infraestruturas. É por isso que estamos explorando a possibilidade de estabelecer uma Facilidade Europeia de Crédito à Exportação, um mecanismo para complementar os acordos de crédito a exportações existentes em nível dos Estados-Membros.

Em segundo lugar nas suas prioridades, o Global Gateway identificou uma série de projetos emblemáticos. Esses projetos incluem a extensão do cabo Bella ao resto da América Latina, como parte da Aliança Digital UE-ALC; a expansão da Rede Transeuropeia para melhorar as ligações de transporte com a Parceria Oriental e os países dos Balcãs Ocidentais e o aumento do financiamento para o programa de intercâmbio de estudantes Erasmus+ em todo o mundo. Na África, a UE vai mobilizar 2,4 bilhões de euros para a África Subsaariana e mais de 1 bilhão de euros para o norte de África para apoiar as energias renováveis e a produção de hidrogênio renovável, o que pode ajudar a satisfazer a procura prevista de energia limpa da UE e ajudar os parceiros a fazer o mesmo.

O Global Gateway pretende demonstrar como os valores democráticos oferecem certeza e justiça aos investidores, sustentabilidade para os parceiros e benefícios a longo prazo para as pessoas em todo o mundo.